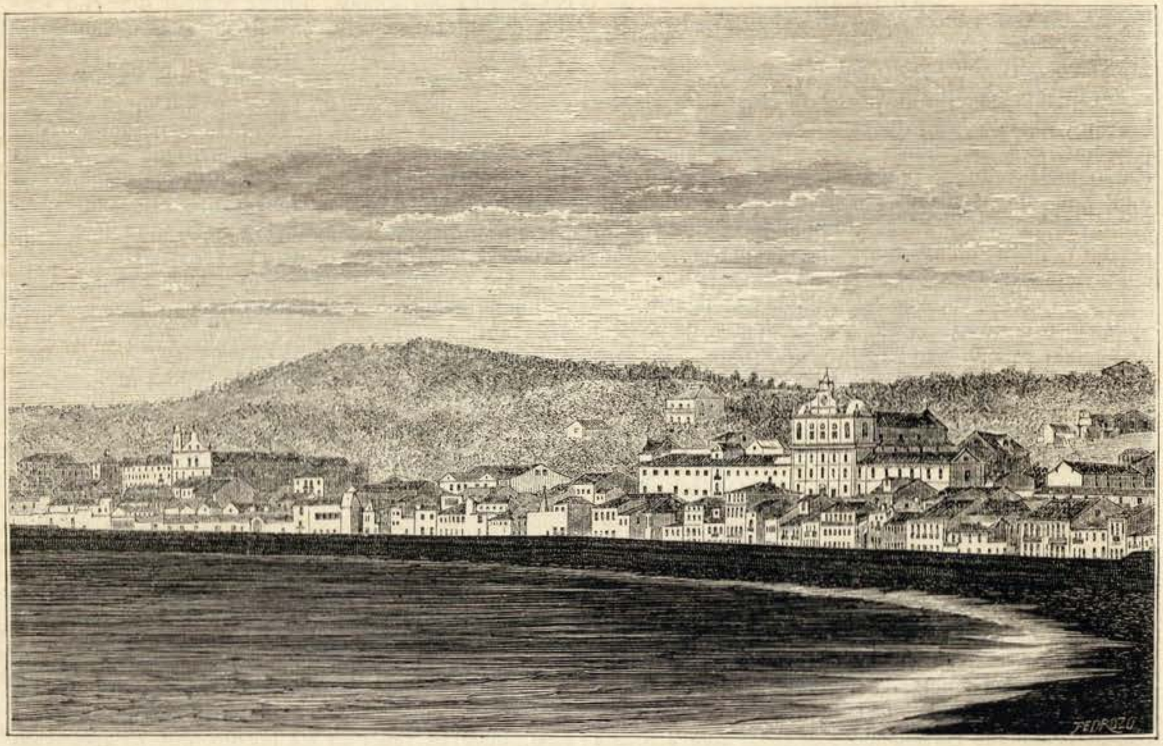


Primeira vista da cidade da Horta

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

Por muitas e variadas razões se recommenda á estima e estudo dos que se interessam pelas coisas de Portugal o famoso archipelago dos Açores, prodigio do poder divino, quanto á sua formação; theatro glorioso de gloriosissimas façanhas, que muito contribuiram para o engrandecimento do nome portuguez, e para a conquista da liberdade, que ora gozâmos; berço illustre de muitos varões inclitos nas letras, nas armas e nas virtudes; prova irrecusavel, pela frequencia de imponentes phenomenos geologicos, de que continúa ainda alli a natureza a sua evolução tellurica; manancial uberrimo de riqueza; theatro magestoso e nunca assaz admirado de formosura e encantos naturaes, onde os quadros da mais mimosa e louçã paizagem se alternam com os mais severos e aterradores espectaculos que ao homem é dado contemplar; monumento eterno do genio emprehendedor e da grande intelligencia do nosso infante D. Henrique, do scismador de Sagres, cujo nome durará tanto como o mundo.

Do muito que ácerca do archipelago dos Açores havia a dizer, veda-nos que tratemos a estreiteza do tempo e do espaço de que dispomos n'este semanario.

Em numerosos livros e jornaes, nossos e estranhos, encontrará o leitor curioso noticias, que lhe não damos agora, porque mesmo resumidas avultariam muito.

De presente, diremos duas palavras a respeito da cidade da Horta, fielmente representada na gravura.

Se quem ler estas linhas não tiver tido a ventura de sulcar o Oceano em demanda do Fayal; se nunca aportou áquelle abençoado torrão, nem pisou o solo da sua capital, detenha-se um pouquinho e contemple aquella vista, tão singela e tão encantadora, diremos até tão casta e convidativa.

Todos os que a sua boa estrella tem levado áquellas paragens são concordes em dizerem que não ha no archipelago açoriano cidade mais seductora e que mais esplendida perspectiva apresente ao forasteiro, cujos olhos se não fartam de lhe admirar de longe as bellezas, e cujo coração, antegozando as delicias d'aquelle paraiso jacente no meio das immensas aguas, anhela repoisar á sombra de seus copados arvoredos, e sentir palpitar junto de si os generosos corações dos que habitam aquelle éden.

Tudo alli conspira para tornar a vida feliz, e para lisonjear os sentidos e dilatar a alma que sabe comprehender o que é a poesia.

Imagine-se uma vasta bahia semeada de navios de todas as partes do mundo, que alli vão, ora para repararem as avarias que soffreram em suas rótas; ora para se abastecerem de agua e viveres, a fim de poderem demandar os portos a que se destinam; ora para se fornecerem do saboroso vinho, que abundante e opimo produz aquelle torrão, e das saborosas e refrigerantes laranjas, que, antes de serem fructos gratissimos ao paladar, foram parte de candidas e fragrantissimas flores, que embalsamaram a atmosphera entre as luzidias e sempre verdes folhas, e choveram sobre a terra, alastrando-a e formando mimoso tapete, para sobre elle passarem as elegantes habitadoras da ilha, das quaes affirma juiz competente, Paris insuspeito, que aos mais bellos dotes do espirito e do coração reunem peregrina belleza.

Ao fundo da bahia, parecendo surgir das limpidas aguas, por vezes orvalhadas por ellas, erguem-se em extensa linha habitações elegantes, limpissimas, quasi todas cercadas de alegres jardins esmeradamente cultivados.

Da circunstancia de ter cada habitação seu proprio jardim ou horta, com abundante agua para regas, borbulhando em um ou mais poços, deriva, se dermos credito ao bom do jesuita Antonio Cordeiro, o nome gracioso e bello que a cidade tem.

(Continúa)

SOUSA TELLES.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 78)

V

NO EIRADO DA TORRE

Em quanto na sala do banquete eram tudo risos e folgares, quando já havia muito se apagára a luz crepuscular, e a lua, alta no ceo, banhava com o seu clarão melancolico as muralhas do alcaçar de Santarem, Zuleyma, recostada em flacido divan n'um aposento do harem que ficava proximo da sala do festim, prestava curiosa o ouvido ás palavras que se trocavam entre os convivas.

Envolta no véo candido semeado de estrellas de oiro, agitando o pésinho calçado com a alparca de seda, e inclinando para o lado d'onde vem o rumor das vozes a fronte limpida cingida por uma faxa de perolas, a cabecinha airosa coroada de perfumadas tranças que a coifa moirisca prende, Zuleyma, com o seio palpitante, os labios de coral entreabertos por um sorriso extatico, o rosto afogueado pelas vivas côres do jubilo e do pejo, escuta as phrases apaixonadas do seu adorador. Os mais raros perfumes rescendem em cassoletas de prata no aposento silencioso, e uma escrava asiatica, tendo as suas longas tranças ennastradas de flores, espera, com a harpa de oiro na mão, as ordens da sua senhora.

Zuleyma repara em fim que não está só, e, envergonhada de se ter deixado surprehender no extasi em que a lançaram as lisonjas do homem a cujo amor ella secretamente corresponde, despede com a mão a escrava attenta aos seus minimos gestos. Ficando sósinha em fim, a filha do wali de Santarem inebria-se á vontade com esse perfume longinquo de poesia e de amor. Escuta arrebatada os versos em que Ahmed-Ibn-Abdallah canta os seus feitiços, e lagrimas silenciosas, lagrimas de alegria lhe deslisam, como perolas, pelas faces côr de rosa.

É porque ella ama devéras o homem a quem seu pae a destina. Quantas vezes, escondida pelas rechas da avara gelosia do harem, o não viu ella passar meneando com garbo o seu formoso ginete andaluz, rodeado pelos cavalleiros da sua guarda e pelos al-kaides de seu pae, e sobresaindo a todos elles pela altivez do porte, pela louçania dos trajos e pela formosura do rosto! Quantas vezes não dissera ella a si mesma que seria aquelle o esposo dos seus sonhos, o homem a quem desejaria votar o coração e a vida, o senhor de quem desejaria ser a escrava apaixonada e humilde! Mas esses devaneios terminavam sempre por um suspiro, porque para a donzella musulmana, ainda a mais querida de seu pae, não ha liberdade na escolha do homem a quem deve confiar o seu destino; de nada lhe vale mesmo a resplendente formosura, porque não póde captivar com os seus encantos aquelle que a fascinou. Sepultada na obscuridade do harem, vê-se obrigada a esperar do acaso a realisação dos seus votos.

Mas o acaso d'esta vez fôra favoravel a Zuleyma. Quando seu pae lhe disse que a destinava ao filho do wali de Lisboa, arquejou-lhe o seio com violencia, e saltaram-lhe dos olhos lagrimas como punhos. O velho wali julgou primeiro que a affligíra a noticia, e afastou-se um pouco penalisado, ainda que pela mente nem lhe passára a idéa de faltar á palavra já empenhada com o filho do seu collega. É que elle não sabia que os grandes jubilos d'esta pobre humanidade não encontram outra expressão que não seja egualmente a das supremas dores.

Agora, escutando os ardentes versos de Ahmed-Ibn-Abdallah, Zuleyma sentia um contentamento indizivel, e ao mesmo tempo um inexprimivel espanto. Bastava só a fama da sua formosura para que o filho do wali de Lisboa a decantasse com tanto enthusiasmo? Não era possivel uma tal supposição; Zuleyma, como todas as filhas das raças do Oriente, acreditava na influencia magica dos sonhos. Talvez o amor que ella sentíra de subito ao vêl-o passar nas ruas tortuosas de Santarem, amor férvido e impetuoso, fosse, pelo mysterio do proprio magnetismo, sobresaltar vagamente o espirito do moiro gentil. Talvez n'essa mesma noite, á hora fatidica em que as sombras começam a desfazer-se e deixam fluctuar n'esse crepusculo vago, ainda mal arraiado pelo reflexo da madrugada distante, os pallidos phantasmas, as figuras nebulosas, filhas da phantasia que, já desperta, vagueia solta dos laços corporeos, em quanto o involucro material está ainda entregue ao somno, talvez n'essa hora bafejada pelo halito perfumado das sylphides rosadas, filhas do amor e da aurora, talvez então a sua imagem, formosa e radiante, lhe apparecesse debuxada no espelho translucido do sonho; e quando elle a final despertasse, talvez tivesse já gravada na alma essa formosissima imagem, diante da qual queimava no thuribulo de oiro dos seus versos o fragrante incenso do amor.

Mas não fôra assim. Uma tarde em que Zuleyma, absorta no seu languido scismar, recostada no parapeito de um dos terraços da alcaçova, deixava discorrer os olhos distrahidos pelas veigas risonhas, onde começavam a desdobrar-se, como escuro tapete, as vastas sombras do crepusculo, Ahmed-Ibn-Abdallah, que voltava da caça e que se adiantára aos seus monteiros, deixando, tambem embevecido na belleza da tarde, ir o cavallo a passo com a redea desleixada, viu aquelle vulto gracioso, immovel no cimo do terraço, onde os raios do sol poente, que se apegavam antes de se esconderem ás grimpas dos minaretes e a todas as eminencias da casaria, banhavam com a sua luz moribunda, mas ainda alegre, as fórmas delicadas da filha do wali. Ahmed-Ibn-Abdallah ficou instantes extatico e assombrado; julgou ter diante de si uma das fadas formosissimas, de que tanto fallam os contos orientaes. A belleza peregrina e etherea d'aquelle rosto melancolico; a attitude pensativa do seu vulto, que parecia fluctuar, porque em torno d'ella começavam a subir lentamente os vapores que se exhalavam do rio ao descair da tarde; o aéreo véo descaido sobre os hombros, e cujas estrellas de oiro e rubins, accesas pelos raios do sol, pareciam rodeal-a de uma verdadeira e fulgurante constellação; tudo isso redobrou o enlevo do mancebo, enlevo que foi rapido. O seu sequito venatorio appareceu d'ahi a instantes, e o tropear dos cavallos, acordando do extasi a formosa do eirado, obrigou-a a sumir-se, envolvendo-se á pressa no véo transparente, e conchegando nos hombros a capa moirisca, que lhe caíra no chão. Mas, sumindo-se, a gentil Zuleyma deixára nos ares, como as deusas da *Eneida*, um perfume vago que inebriára o filho do wali de Lisboa, e que lhe inspirára os versos em que elle tanto louvava a formosura da sua noiva.

Zuleyma ouvia-os, e o coração já não podia conter o jubilo que trasbordava. Era amada! amada, como desejava sel-o, por aquelle a quem tambem consagrára o mais profundo affecto! Oh! como ella agradecia a Deus o ter assim ligado corações, entre os quaes as leis do mundo musulmano punham tantos obstaculos, pelos laços invisiveis de uma ignota sympathia! Levantou-se e passeiou na sala, arrastando as suas longas vestes. Pela gelosia estreita insinuava-se um raio da lua. Zuleyma sentiu um desejo immenso de confiar as suas esperanças ao luar, á brisa, á noite silenciosa, noite de primavera em cujo silencio augusto e fremente como que se ouvem os murmurios dos anjos e a harmonia das espheras.

Saiu do aposento, e, subindo rapidamente as escadas, respirou desafogada no eirado solitario da torre. Alli não havia sentinellas; o inaccessivel do sitio fizera julgar essa precaução escusada. Zuleyma olhou

em torno de si. A lua, quasi a desapparecer do firmamento, envolvêra-a toda n'um longo beijo luminoso. A noite estava silenciosa e amena. O Tejo, sereno e limpido, resplandecia ao longe como um escudo de prata. A aragem suspirava muito de manso ao ouvido de Zuleyma, e, agitando-lhe ao de leve as tranças rescendentes, confundia com o perfume de primavera, que furtára nos vergeis ás amendoeiras em flor, esse outro perfume tambem de primavera, porque a moira gentil era como que a incarnação pagã da meiga estação em que os botões de rosa desabrocham.

Por muito tempo Zuleyma, enlevada nos proprios pensamentos, se deixou embalar pelas harmonias, pelas fragrantes exhalações d'essa noite luminosa e divina. Depois, quando o seu ouvido cessou de escutar por um instante as melodias deliciosas do coração, pareceu-lhe sentir ao longe um rumor estranho. Dir-se-hia um tropear abafado de cavallos, um tinir de armas tão sumido e tão vago, que parecia apenas o echo expirante de uma peleja travada muito ao longe entre combatentes invisiveis. Inquieta, Zuleyma chegou-se ao parapeito e apurou o ouvido para o lado d'onde vinha o som aterrador. O silencio reinava de novo na placida extensão das campinas; nem um murmurio se ouvia que não fosse o tenue ramalhar da brisa nas arvores enfolhadas pelos primeiros bafejos da primavera. O luar, quasi a desapparecer do ceo, alastrava ainda pela veiga o seu clarão já debil. Os olhos de Zuleyma, que o susto fizera mais penetrantes, distinguiram de subito ao longe um relampago fugitivo, como a chamma pallida que a lua accende no ferro das lanças ou nos elmos polidos. Quiz-se affirmar de novo, mas o disco luminoso desappareceu em fim no horisonte distante, e as sombras da noite, cortadas apenas pelo mortiço clarão das estrellas, envolveram no seu tenebroso manto o rio, os campos e o castello.

Zuleyma ficára suspensa e pavida. O que havia de fazer? Chamar os seus; mas por quê? Porque ouvíra um rumor que logo expirára, porque vira scintillar um clarão vago que se apagára rapidamente. Mas se esse rumor é o dos cavalleiros de Ibn-Errik, vindo pela calada da noite saltear o castello? Não é, de certo; é apenas a brisa a suspirar mais lugubre n'algum corredor abobadado do antigo alcaçar. E se essa chamma longinqua denuncia as ferreas armaduras dos nazarenos? Não é possivel; foi o luar expirante que accendeu uma chamma ephemera n'algum charco das campinas. Assim, procurando socegar os pavores da sua imaginação exaltada, Zuleyma fica immovel no eirado da torre, contemplando irresoluta as estrellas que palpitam no firmamento.

De subito acodem-lhe á lembrança as vagas ameaças do africano. Deus! se esse espirito mau vem, como um enviado de Iblis, o Satanaz das lendas musulmanas, lançar a perturbação e o terror na sua felicidade nascente! Então, pallida e inquieta, aproxima-se com passos rapidos do parapeito da torre; mas de subito um vulto sinistro e negro ergue-se diante d'ella, como se brotasse das profundezas mysteriosas da noite, e logo outro o segue, alteando-se pouco a pouco ao longo dos muros do castello. Zuleyma, convulsa e attonita, solta um grito agudo que vibra funebremente no silencio da noite. «Os nazarenos!» ia ella a bradar logo depois, percebendo em fim que genero de inimigos tem diante de si; porém mão de ferro afoga-lhe na garganta o grito, que esmorece n'um gemido plangente e lugubre. Ao mesmo tempo luz um punhal nas trevas, embebe-se no peito da moira gentil, e a filha do wali de Santarem, ferida mortalmente, cae banhada em sangue no eirado da torre.

Foram esses dois gritos os que se ouviram na sala do banquete, e que os convivas escutaram com a pallidez no rosto e a turvação no espirito, até que um escravo lhes dissipou as dúvidas, soltando do limiar da porta esse brado fatal:

— Os nazarenos!

Eram effectivamente os cavalleiros de Affonso Henriques.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

O TEMPLO DA INVOCAÇÃO DE SANTA MARIA

CATHEDRAL DE LISBOA

São várias e mui diversas as opiniões quanto á origem da sé de Lisboa. Uns adduzem argumentos para negar a sua antiguidade; outros a fazem mesquita de moiros; outros, finalmente, a querem nada menos que templo da gentilidade, consagrado ao Sol. Fundam-se os primeiros na memoria escripta pelo mestre Estevão, chantre da sé de Lisboa em tempo de D. Affonso Henriques, que trata da trasladação do corpo de S. Vicente Martyr [1], e em outras razões, as mais d'ellas desmentidas pelos factos que alli se encontram. Os que a fazem mesquita de moiros tambem allegam suas provas e raciocinios. E os que pretendem que fosse templo de pagãos estribam-se em fortissimas conjecturas, taes por exemplo:

1.° O achado de inscripções romanas, copiadas pelo abbade José Francisco Corrêa da Serra (nome bem conhecido na republica das letras e da botanica), e que o conego Antonio José da Cruz, encarregado da reedificação depois do terremoto de 1755, fez metter no cimento das paredes, a ponto de não poder cotejal-as de novo com a cópia o referido abbade. O subterraneo sobre que se levanta o edificio, que foi descoberto pelo terremoto de 1755, quando desabou a torre meridional, e se affirmou não se lhe descobrir fim. Elle estava então intacto, e mostrava ter merecido certa consideração, fosse qual fosse o uso a que o tivessem destinado. Cortando por tudo os reedificadores em 1776, só cuidaram de entulhal-o. Consta que o reitor que então era da sé, Placido Rodrigues Velho, fizera d'isto assento no livro de suas memorias.

2.° O dizer de antigos auctores de que havia um templo, proximo ao Tejo, consagrado ao Sol.

3.° A serpente que lhe cercava o zimborio, como se lê na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade (impressa em Lisboa em 1629), e que talvez symbolisasse a serpente Phiton (á qual matou Apollo).

4.° O facto, que vem corroborar este, das columnas lateraes da porta principal, ainda hoje alli existentes, e de que os capiteis, sem caracter algum do culto do Islam ou do christianismo, póde ser que denotem os signos do anno. Da parte direita da entrada: primeira, uma mulher entre duas pequenas figuras, que denota *Leda* com os dois filhos, *Castor* e *Pollux*, os gemeos do mez de maio; segunda, um genio com quatro azas, entre dois delphins, que significariam os delphins de *Amphitrite*, *Piscis* do mez de fevereiro. Da parte esquerda: primeira, uma mulher coroada entre dois ornatos, que parecem no feitio geral duas pavêas de trigo, talvez a deusa *Ceres*, symbolo de agosto; segunda, um *Hercules* sobre o leão, tendo na mão a maça, symbolo de julho. Na face contigua do mesmo capitel, um toiro cavalgado por uma mulher, que denota ser a *Europa*, symbolo de abril. Estas columnas tinham porventura relação com o zimborio em que se via a serpente que rematava todo o edificio.

5.° Finalmente, o subterraneo sobre que se levanta o mesmo edificio.

Os que impugnarem estes fundamentos, sem comtudo darem por apochryphas as auctoridades citadas, ou as suas asserções (a estes ultimos não ha responder), poderão objectar: Que as inscripções romanas bem poderiam dar-se em lapidas transferidas para alli

[1] Em 15 de setembro de 1173.

de outros edificios; que o templo do Sol, proximo ao Tejo, em que fallam escriptores coevos, seria mais depressa o que havia no cabo da Roca, em baixo, junto á rocha, do qual, ainda em tempo de André de Rezende, existiam as ruinas dos cippos com letreiros; que a serpente do zimborio tanto poderia significar a serpente *Phiton* como qualquer outra, ou servir meramente de ornato, como capricho de architectura gothica. O mesmo argumento serve, quanto ao facto perduravel das columnas, para o capitel da mulher e o toiro, além de que o numero das mesmas é inferior ao dos doze signos. Mas quando effectivamente os denotassem, quem assegura que não foram deslocadas e trazidas do templo do cabo da Roca pelos arabes ou pelos seus vencedores? A final, não ha mais razão para crer que o subterraneo fosse antes pertença do templo de gentios do que mesquita ou egreja, visto que d'elle se não refere algum indicio peculiar e caracteristico.

Sem nos mettermos a decidir em ponto tão controvertido, julgâmos, porém, que se poderia perguntar: Serão tambem as inscripções romanas licenças e devaneios de gothica architectura? Sería moralmente possivel que os sectarios de Mahomet ou os portuguezes de D. Affonso Henriques lançassem mão, para as suas edificações religiosas, de pedras contendo inscripções e symbolos evidentemente gentilicos? Se disserem que pela mesma razão os não deviam ter conservado, responde-se que vae grande differença de construir desde alicerces a aproveitar o que já estava feito, como se observa em Santa Sophia de Constantinopla, hoje mesquita de turcos, e em tantas mesquitas purificadas e sagradas em cathedraes e matrizes depois de ganhadas em cinco mil batalhas, que tanto custou a libertar do jugo sarraceno á peninsula hispanica! Acaso implica com a existencia do templo do cabo da Roca, mais proximo ao mar que ao Tejo, a existencia de outro templo situado quasi á beira d'este rio? Ácerca da significação e destino da serpente do zimborio, do capitel da columna e do subterraneo de toda a fabrica, duvidar não é destruir. Alguem dirá que não denotava? pois nós insistimos em que denotava.

Quando as razões são eguaes, tanto vale a auctoridade que nega como a que affirma: assim, em um caso similhante, em quanto a dialectica, argumenta mr. de Montesquieu no *Espirito das leis*. E se o numero das columnas não condiz com o dos signos, não poderia cada uma d'ellas conter mais symbolos do que o pertencente a um mez? ou fôra impossivel que alguns se inutilisassem e destruissem pela diuturnidade dos tempos depois de tantas vicissitudes, não esquecendo o fatal terremoto de 1755?

Se da porção que se descobriu do subterraneo se não refere nem um signal privativo, quem sabe o que lá para diante se acharia a não ser a incuria dos descobridores? E dado mesmo que fossem moiros ou christãos os architectos do que hoje vemos na sé de Lisboa, repugna porventura á razão o ser aquella concavidade o templo primitivo, depois soterrado pelo crescimento do terreno, ou qualquer outro accidente, como está acontecendo na egreja de S. Pedro em Roma, S. Thiago em Compostella, e na Lapa de Belem? Todavia, limitâmo-nos a dizer, como Voltaire: *Je ne donne pas mon avis comme bon, mais seulement comme mien.*

Este edificio, nos annos de 1344, 1356, 1373 e 1755, soffreu, por causa de terremotos, mudanças na sua semi-arabe e gothica architectura, similhante á de Santa Sophia de Constantinopla. Quanto ao frontispicio principal do vetusto templo, vê-se por uma estampa que vem na obra: *La galerie agréable du monde* (impressa em Leyden no anno de 1729), tomo I, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos.

Na torre do lado esquerdo estão dois brazões d'armas, em pedra, n'um d'elles uma arvore, e no outro uma roda de navalhas esculpidos. D'esta torre foi precipitado, em 6 de dezembro de 1383, D. Martinho Annes, castelhano, natural de Çamora, bispo de Lisboa (desde 1381 até 1383), e cardeal creado pelo papa Clemente VII; Gonçalo Vasques, dom prior de Guimarães, e um tabellião do Algarve, que se tinham acolhido a ella para impedirem que os sinos se tangessem em favor do mestre de Aviz, D. João I.

O antigo sino da sé de Lisboa tinha de altura, até ás presilhas, sete palmos e uma e meia pollegadas; de diametro, pela parte interior, oito palmos e uma e meia pollegadas; e de diametro, pela parte exterior, vinte e quatro e meio palmos. Era cercado com tres circulos de letras gothicas, e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversos escudos d'armas e alguns sellos.

O primeiro letreiro, junto ás presilhas, era da fórma seguinte:—*Sxe: mtanipana: dicuntur: comoda: sana: laudo: Deum: verum: voco: populum: congrego: clerum: defunctos: ploro: satham fugo: festa: de coro:*

Segundo letreiro: — *Angele: qui: meus: es: custos: pietate: superna: me: tibi: comissum: salva: defende: guberna: mentem: sanctam: spontaneam: honorem: Deo: et: patria: liberationem:*

Terceiro letreiro: — *En na Era de: Mil:* III: CCC: *e:* XV: *annos: foi: feito: este: sino: do relogio: muy: nob: cidade: de Lisboa: por: mandado: do: muy: nobre: Rey: Dom: Fernando: de: Portugal: et: do: muito: honrado: Cabido da dicta: cidade: de Lisboa:* X *dos homes boos: daeta cidade: Martre: Joham: Frances: me fez* [1]*:*

A sobredita era (1315) está errada, pois devia ser 1415, que é o anno de Christo 1377, porque D. Fernando começou a reinar no anno de 1367, e morreu em 1383.

Antes do terremoto de 1755, o interior da egreja cathedral de Lisboa era de architectura ogival, sustentada em duas ordens de columnas, que formavam tres naves em arcos correspondentes, de boa pedra. As primeiras confrarias foram estabelecidas com um fim piedoso e caritativo; reuniam-se sob a invocação de algum santo; e uma das mais notaveis por sua influencia foi a dos *franc-maçons*, ou pedreiros livres. Foi esta sociedade a que propagou o estilo ogivico, tão distincto da architectura do systema byzantino. A esta confraria é devida a torre prodigiosa da cathedral de Strasbourg.

Tinha o templo da sé de Lisboa 96 palmos de largo, e de comprido, da porta principal até ao altar-mór, 264 palmos, que formavam um cruzeiro regular, coberto de uma boa cupula, cuja altura até ao pavimento era de 120 palmos.

No anno de 1748, por ordem del-rei D. João V, fez collocar o architecto Antonio Canevari, na torre do lado direito da sé de Lisboa, um grande relogio, que era o chamado da cidade.

ABBADE DE CASTRO.

DESERTO DE SAHARÁ

N'essa vasta peninsula banhada pelo Oceano, pelo Mediterrano e pelo mar Vermelho, e unida á Asia pelo isthmo de Suez; n'essa antiga parte do mundo que denominâmos Africa, e que, apesar de tantas explorações, ainda hoje é tão imperfeitamente conhecida, ha um deserto immenso, a que alguns geographos dão uma extensão egual a metade da Europa. Separam-n'o da Berberia, pelo lado do norte, altas cordilheiras de montanhas. Outras serranias penhascosas o limitam pelo lado sul, deixando para além d'ellas os paizes habitados pelos negros. Da parte do nascente

[1] Este sino foi destruido pelo terremoto de 1755.

confina com o Egypto e com a Nubia. Da parte do occidente acha o termo no Oceano.

Deram os arabes a essa região o nome de *Saharâ*, que significa *deserto*, e pelo qual é geralmente conhecido, sendo reputado pelo maior deserto do globo.

A sua superficie apresenta algumas variações de aspecto. Em umas paragens são extensos territorios, semeados de rochas e penedia, meio afogadas em areias. Em outras tambem mostra multiplicados accidentes, mas aqui, em vez de rochas, erguem-se, com muita variedade de alturas, montes de areia movediça, aos quaes a furia caprichosa das tempestades imprimiu fórmas diversas. Em outras partes, em fim, é um areial a que não descobrem limites os olhos do homem para qualquer lado que se volvam; é a imagem do mar, quando qualquer calmaria lhe aplaca as ondas e alisa a superficie.

O viajante que avista pela primeira vez este deserto do alto dos rochedos, que lhe servem como de porta, sente, segundo dizem, impressão egual á que lhe causa o aspecto do Oceano, quando da coroa de um monte lhe descobre o vulto magestoso ao cabo de longa viagem pelo interior de um paiz. Fica absorto, ora enlevado, ora como que anniquilado, contemplando aquella immensa amplidão, que lhe suggere necessariamente a idéa da eternidade, e perante a qual não se póde considerar mais que um simples e miseravel atomo.

O mar verdadeiro freme constantemente, por mais que a bonança lhe acalme as iras. Um ligeiro movimento, imperceptivel á vista, impelle para as praias a onda franjada de espumas, e que em leito de espumas vae expirar. Com esta feição nada ha parecido no deserto de areias, porque a sua existencia habitual é a da immobilidade, assimilhando-se a um mar que



Uma caravana atravessando o deserto de Saharâ

se solidificasse quando as aguas, depois de agitadas violentamente pelo tufão, caíssem no remanso que vem após a tormenta. A similhança está n'aquelle espaço infinito de superficie plana, onde não se vê mais que areia e ceo, unindo-se e confundindo-se no horisonte, como se observa no Oceano, a côr violacea do areial escandecido com o azul da abobada celeste.

Estas areias são silicosas, muito finas e subtis, em uns sitios brancas como as mais alvas areias dos nossos rios, em outros avermelhadas pela presença do oxido de ferro. Em poucas paragens consentem que n'ellas nasçam e se enraizem plantas; e quando o permittem, limita-se a vegetação a uma planta odorifera, que os arabes denominam *shé*, alguma coisa parecida com o tomilho bravo; uma planta espinhosa muito do gosto dos camelos; e a poucas mais variedades.

Outra feição tem este deserto que o faz comparavel ao mar, e que consiste em possuir, como este, algumas ilhas, pois que se podem bem considerar assim os oasis, essas porções de terra abençoada que a Providencia, em sua maternal solicitude, dispoz no meio d'aquelles ardentes areiaes, e onde as caravanas acham uma estação para descançarem das fadigas de sua penosa viagem, estação tão commoda e deliciosa que bem lhe póde quadrar o nome de paraiso terrestre.

São os oasis tractos de terra mui ferteis, frescos e cobertos de pomposa vegetação. Variam muito na sua extensão, sendo o maior de todos o denominado oasis Fezzan, cujo comprimento regula por 500 kilometros, com perto de 300 de largura. Raras vezes chove nos desertos. O que dá aos oasis fertilidade e fresquidão, com que se alimenta n'elles perenne verdura, são as aguas que vertem das serras mais ou menos distantes, e que, infiltrando-se na areia, vão convergindo para aquelles terrenos mais baixos. D'est'arte ahi se encontram poços inesgotaveis de agua limpida e potavel. É tal a frescura da terra que em qualquer logar em que se cave um pouco acha-se logo agua em abundancia.

Diversas especies de palmeiras, sendo mais commum a das tamaras, dão sombra salutar aos numerosos rebanhos de gado, principalmente lanigero, que por alli pastam herva mimosa e succulenta, pastoreados por tribus arabes nomadas. Occupam-se estas tambem com a cultura dos cereaes. Respira-se n'este oasis ar fresco e embalsamado de suaves perfumes.

Encontram-se em certas localidades do deserto de Sahará abundantes jazidos de sal mineral, que é extrahido pelas tribus habitadoras dos oasis, as quaes fazem d'elle um ramo importante do seu commercio com os pretos das regiões limitrophes.

A falta de agua é causa de que seja mui limitada a fauna d'este deserto. Leões, leopardos, tigres, hyenas, chacaes, algumas variedades de veados, antilopes e gazellas, e abstruzes, são as principaes especies que percorrem aquelles areiaes.

As viagens atravez do deserto são mui difficeis, porque o vento a miude apaga as pégadas dos forasteiros, unico signal que em muitas paragens indica o rumo que o viajante deve seguir para que não se perca no meio d'aquellas tristes solidões. O excessivo calor d'esse clima tropical, augmentado pelas exhalações ardentes das areias, faz essas viagens penosissimas; assim como tambem as tornam perigosas os accommettimentos das feras e os assaltos das tribus arabes, sobre tudo durante a noite, quando os viajantes são obrigados a acamparem para tomarem algum repoiso.

Todavia, não foram bastantes tantos e tão grandes perigos e incommodos, a que ás vezes accrescem afflictivas privações, para desalentarem o homem. Juntando-se em numerosos bandos de gente a cavallo e a pé, e levando camelos carregados com todo o genero de provisões, com armas, barracas de campanha, etc., atrevem-se a arrostar com todos aquelles perigos e incommodos. Escusado seria dizer que só os interesses commerciaes poderiam incitar os homens a tão grande arrojo. A esses acompanhamentos de negociantes deu-se, pois, o nome de caravanas. Os mercadores que pretendem atravessar o deserto, ou algum raro viajante que se resolve a acompanhal-os, movido de outro estimulo, reunem-se em determinadas povoações, que são o ponto de partida das caravanas. Estas, como dissemos, são sempre numerosas; mas ás vezes compõem-se de tantos centos de homens bem armados, que mais parecem exercitos que ajuntamentos commerciaes.

Podem-se, em tal caso, reputar seguras as caravanas contra os ataques das feras e dos arabes. Mas, ainda assim, resta-lhes um perigo, contra o qual de nada valem o numero dos braços, e o valor e coragem dos peitos humanos. Consiste o perigo n'essas horrorosas tempestades, em que o ceo se cobre de um manto negro, e em que o tufão abrazador, chamado *simun* ou *cansim*, levantando nos ares immensas massas de areia, revolvendo-as em medonhos redemoinhos, derruba, arrasta, e algumas vezes sepulta tudo quanto encontra diante de si.

N'estas circunstancias tambem o deserto se assimilha ao mar; porém o temporal que agita as ondas, por maior que seja, é menos pavoroso que a tempestade que revolve as areias do deserto.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

II

AVENTURAS DE UM CARANGUEJO

(Vid. pag. 82)

V

Mas qual não foi o seu pasmo, acordando ao romper da manhã, ao ver-se no fundo do mar! Ignorava ainda o phenomeno da maré, e esta, enchendo, apanhára-o no seu ninho. Mal tirava dos olhos a areia que lh'os entupia, quando um enorme peixe o avistou e investiu com o terrivel intuito de o engulir. O desgraçado teve apenas tempo de cavar mais funda a sua cova e cobrir-se, ficando com um só olho de fóra até que a maré desceu, deixando-o em sêcco. O repoiso da noite dera-lhe forças, mas tinha fome.

Ao longe avistavam-se umas penedias, que entravam pelo mar a uma distancia incrivel. O pobre orphão cobrou animo e avançou para essa região desconhecida. Pelo caminho encontrou alguns elementos de mesquinha e repulsiva nutrição; eram os restos de seus parentes, fallecidos na vespera, e que outros vivos andavam no piedoso empenho de sepultar... nos estomagos. O meu heroe, arrancado do berço no dia em que nascêra, não conhecia ninguem. Podiam todas as creaturas que encontrava da sua especie ser seus irmãos, seus primos, seus tios, a sua familia toda; mas não os conhecia, não o conheciam a elle. Eram entes estranhos, antipathicos, pouco communicativos, que, occupados na horrenda fadiga de comer seus proprios paes, nem sequer attentavam no triste que passava horrorisado. Depois de uma peregrinação que se lhe afigurou muito longa, acolheu-se a um rochedo todo gretado, a cuja coroa não chegavam as maiores marés.

VI

Alli passou os primeiros tempos de sua desventurada infancia, só, embalado pelas ondas e as tormentas no fundo da sua cella, sem familia, sem amigos, sem um só affecto que o aquecesse e lhe alegrasse a tristeza de suas compridas noites, ou a monotonia de seus aborrecidos dias! Aquella solidão, aquelle desamparo no meio de tão continuo bramir de vagas e de ventos, aquellas penedias ennegrecidas, aquella fria casa de granito onde se abrigára, depois de o tornarem pensador e philosophico, foram-lhe pouco a pouco esfriando o peito e endurecendo-lh'o mais do que a couraça que o cobria — quasi tanto como as rochas onde habitava. Chegára á virilidade, á edade dos longos passeios sem fito, dos enthusiasmos pelas noites em que as aguas do mar, allumiadas pela lua, resplandecem como prata polida, e ficára insensivel, não saindo uma unica vez da estreiteza da sua cella para ouvir a brisa nocturna cantar os seus amores com a espuma das ondas!

VII

Durante o dia, tirados os rapidos instantes de suas modestissimas refeições, ficava-se longas horas sobre o penedo mais elevado, com os olhos enormemente dilatados, fitos na extrema linha do Oceano, como se de lá esperasse a aurora de uma regeneração que a Providencia lhe promettêra em sonhos! O sol ardente e esplendido que passava sobre elle não o encantava nem distrahia; via-o com indifferença erguer-se magestoso por traz dos pinhaes de Rates, e, depois de inundar o universo de luz, e de alegria o peito de todos os viventes, sumir-se no Oceano, tingindo as aguas de purpura e oiro. Passavam as estações — a primavera com suas flores, cujos aromas a brisa da manhã trazia ao mar; o estio com seus cantos e seus amores; o outono com a sua doce melancolia; e o inverno com as suas tormentas e tristezas; sem que nenhum espectaculo do ceo ou da terra attrahisse a attenção do misanthropo. Alguns, poucos, da sua especie que habitavam as mesmas regiões, viviam do mesmo modo, proximos e estranhos uns aos outros, insociaveis todos, fazendo vida á parte, e espreitando-se mutuamente com ar suspeitoso. Triste existencia aquella! Dir-se-hia uma colonia de espiões que Deus emmudecêra para os punir do vil officio de delatores!

VIII

Em suas longas meditações tinha por vezes o meu pobre caranguejo pensado no amor como n'um senti-

mento indigno dos que vivem entregues á vida contemplativa. O seu coração, empedernido como as frias rochas sobre que batia, tornára-se inaccessivel e insensivel. O infeliz chegou a ignorar o seu sexo!

Um dia em que por acaso alongára mais o seu passeio pelos rochedos que se internam no mar, viu sair de uma fenda uma esbelta carangueja que o encarou muito tempo de um modo singular. O nosso heroe teve como um rebate do genero a que pertencia no invencivel pejo que o fez baixar os olhos, e a sua couraça escura tornou-se côr de rosa á força de pudica vergonha. A carangueja mirava-o sem cessar, parecendo querer devoral-o com os olhos, que avançavam rapidamente, dilatando-se. No fim de demorado exame, e tendo-se sem dúvida convencido que não se enganava, avançou a femea, com suas grandes antennas estendidas e as tenazes abertas, para o joven caranguejo.

O misero, julgando que ia ser victima de um ataque ao pudor, quiz fugir, mas não póde; o terror virginal collou-o ao rochedo. Esperou, pois, convulso e trémulo, que a que elle considerava uma creatura viciosa e comida de criminosos desejos o immolasse no altar da impudencia. Ella cingiu-o nos braços com o louco e ardente enthusiasmo da mãe que encontra e reconhece o filho que do berço lhe roubaram; cobriu-o dos beijos mais ternos e mais apaixonados que se podem dar entre caranguejos, e, apertando-o contra o seio, parecia querer dizer-lhe, na ancia de seus carinhosos extremos:

IX

«Achei-te, em fim, filho querido do meu amor, pedaço da minha alma, luz da minha vida, minha esperança unica, e derradeiro fructo da minha união legitima! Oh! se tu soubesses como te tenho procurado desde aquelle fatal dia em que a onda, invejosa da minha felicidade, te roubou aos meus carinhos! Corri todos os mares, voguei sósinha, á mingua e sem conforto, por todos os parceis! Que estranhos pelagos, que rochedos inhospitos e feros, que povos extraordinarios e ferozes encontrei em minhas longas peregrinações! Aqui me arrojavam os ventos irados contra broncas penedias; além me perseguiam enfurecidos peixes; e sempre fugindo, e sempre procurando, errei de praia em praia, de rocha em rocha, examinando a um e um todos os milhões de individuos da nossa especie, expondo-me ás suas vistas impudentes, ás suas apreciações injustas e mofadoras, aos perigos, á vergonha e á morte para te encontrar, meu filho! Porque eu sabia que existias; todas as noites sonhava comtigo, e não sei que boa Providencia (porque tambem ha uma Providencia para os pobres caranguejos) não sei que santa Providencia me dizia: — Caminha, pobre mãe, não desanimes; o ultimo da tua raça vive e has de encontral-o. — Tive fé, e a minha recompensa é ver-te nos meus braços!»

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 86)

IX

Por effeito das combinações, a que já nos temos referido por mais de uma vez, chegaram ao mesmo tempo ás margens do Caia, com admiravel exactidão, as cortes portugueza e castelhana.

Dizem as testimunhas presenciaes, que era um espectaculo maravilhoso e verdadeiramente deslumbrante o que n'esse momento se offerecia aos olhos em uma e outra margem do rio. E bem se póde julgar, á vista do que expendemos nos capitulos antecedentes, que não ha exaggeração nos encarecimentos com que taes testimunhas fallam d'aquella esplendida solemnidade.

A immensa multidão de povo que se apinhoava ao longo das estradas e junto ao palacio-ponte; as tropas castelhanas e portuguezas, com seus uniformes de côres vivas, e com os estandartes, luzentes de oiro, desfraldados ao vento, estendidas em bem dispostas alas; por toda a parte, em symetrica disposição, tremulando flammulas e galhardetes multicores; e os dois prestitos reaes, ostentando tanta riqueza e magnificencia, a desfilar magestosamente por entre tantos milhares de soldados e de populares, e ao som das musicas, das acclamações, do estalar dos foguetes e do troar da artilheria; tudo isto compunha um quadro, que difficilmente poderia ser pintado bem ao natural por mão de mestre com pincel e tintas, mas que é impossivel descrevel-o com palavras, por mais expressivas que sejam. Em fim, como epilogo que revele os traços grandiosos e as brilhantissimas côres de um tal pincel, diremos que alli concorreram, para competirem em todas as galas e pompas de que a realeza se póde cercar para ostentação da magestade, os dois monarchas mais opulentos da Europa, aquelles que tinham por tributarias dos seus thesouros as minas de prata do Perú, e as de oiro e diamantes do Brasil.

Tendo-se apeado dos coches as duas familias reaes junto ás escadarias do palacio-ponte, subiram, e deteve-se cada uma na sala que lhe pertencia. Com o pretexto de descançarem, ahi se demoraram em quanto os secretarios de estado de ambas as coroas se reuniam no salão central para mais uma vez, e em ultima conferencia, decidirem algum d'aquelles graves pontos da etiqueta que ainda não estivesse cabalmente resolvido; ou para esclarecerem qualquer dúvida que de novo se tivesse suscitado.

Concluido este derradeiro accordo, recolheram-se os secretarios de estado ás salas dos seus respectivos soberanos. Abriram-se immediatamente de par em par as portas do salão central, e transpozeram os limiares d'ellas ao mesmo tempo el-rei fidelissimo D. João V e el-rei catholico D. Filippe V, o primeiro seguido da rainha, D. Maria Anna d'Austria; da princeza das Asturias, D. Maria Barbara; do principe do Brasil, D. José; e dos infantes D. Pedro, D. Francisco e D. Antonio: e o segundo acompanhado da rainha, D. Isabel Farnesio; da princeza do Brasil, D. Marianna Victoria; do principe das Asturias, D. Fernando, que ao diante foi 6.° do nome entre os reis de Hespanha; do infante D. Carlos, que mais tarde succedeu no throno de Napoles, e depois no de Hespanha, com o nome de Carlos II; e do infante D. Filippe, que veiu a ser duque de Parma.

Caminharam as duas familias reaes uma para a outra, com passos medidos, até ao centro do salão, e bem no meio d'elle, onde estava traçada a linha divisoria das duas monarchias, pararam, e, saudando-se reciprocamente por modo identico, abraçaram-se logo depois, sem que algum dos soberanos nem dos principes da sua familia ultrapassassem os limites dos respectivos reinos.

Depois de empregadas as fórmulas officiaes, com que a sabedoria dos diplomaticos procurára salvar a dignidade e decoro das duas coroas, tiveram liberdade para conversarem familiarmente os dois monarchas e mais pessoas reaes. E assim se entretiveram por algum tempo, sempre de pé, e com todo o cuidado para não invadirem os dominios uns dos outros.

A estas primeiras vistas assistiram unicamente, por parte da corte portugueza o duque de Cadaval, D. Jayme, estribeiro-mór, e por parte da de Hespanha o duque de Ossuna, estribeiro-mór.

Quando os reis e os principes se acharam fatigados d'este entretenimento fraternal, mas pouco commodo,

dirigiram-se para as cadeiras, collocadas a certa distancia, e de maneira que cada membro da familia real portugueza ficava defronte do membro da familia real castelhana que lhe correspondia em jerarchia.

A um signal dos duques de Cadaval e de Ossuna, dado assim que os reis e principes mostraram desejos de se sentarem, entraram no salão todas as pessoas que compunham as duas côrtes, adiantando-se a todas os reposteiros-móres, a fim de descobrirem as cadeiras dos soberanos de Portugal e de Hespanha.

Chegando junto das suas cadeiras, D. João v e D. Filippe v permaneceram alguns segundos de pé, voltados um para o outro, e, mirando-se attentamente, para que os seus movimentos fossem simultaneos, sentaram-se pausada e gravemente. Os estadistas a quem coube a honra de elaborarem o programma do ceremonial deveriam estar muito desvanecidos, vendo a pontualidade e exactidão com que os dois monarchas desempenhavam o triste papel de manequins, a que os obrigára a politica pueril e absurda d'aquelles tempos.

Tendo os officiaes-móres, damas, titulares e mais personagens das comitivas dos dois soberanos tomado os logares que a cada um competia, em pé, fazendo parede de um e outro lado das cadeiras das pessoas reaes, quatro moços da camara trouxeram e collocaram diante de suas magestades fidelissima e catholica duas mesas cobertas com pannos de tissú de oiro. Approximaram-se então das mesas os secretarios de estado, Diogo de Mendonça Corte-Real e marquez de la Paz, e, depois de lerem em alta voz os contratos nupciaes, cada um dos secretarios apresentou ao seu soberano as referidas escripturas para serem assignadas. Feito isto, trocaram-se os contratos e novamente se submetteram á assignatura real, assignando em seguida as rainhas, principes, princezas e infantes.

Preenchidas todas estas formalidades, destrocaram os secretarios de estado os contratos, ficando cada um com o que devia de ser guardado no archivo real do seu respectivo soberano. Tiraram-se immediatamente as mesas, e deu-se principio ao beija-mão e apresentações.

Cruzaram-se no salão D. Maria de Lencastre, marqueza de Unhão, que acabava de ser camareira-mór da princeza das Asturias; D. Anna de Lorena, nomeada camareira-mór da princeza do Brasil; a marqueza de Navas, que vinha por camareira-mór da princeza do Brasil; e a duqueza de Montelhano, que fôra nomeada camareira-mór da princeza das Asturias. Feitas as cortezias a todas as pessoas reaes com o rigor da etiqueta, as camareiras-móres sómente beijaram as mãos das augustas noivas. Seguiram-se, praticando a mesma ceremonia, as damas de honor, os officiaes-móres e mais criados de ambas as casas, e os titulares. O marquez de Abrantes, embaixador de Portugal junto del-rei catholico, ia nomeando e apresentando a Filippe v as damas e fidalgos portuguezes: e o mesmo fazia a respeito dos de Castella a D. João v o marquez de Capecelatro, embaixador de Hespanha junto del-rei fidelissimo.

Acabado o cortejo, tornou toda a nobreza a occupar os seus logares anteriores, seguindo-se um concerto em que tocaram e cantaram os musicos e cantores dos dois soberanos.

Succedeu-se ao concerto uma breve pausa, e logo depois levantaram-se ao mesmo tempo el-rei D. João v e el-rei D. Filippe v, e, tomando suas filhas pela mão, foram ao encontro um do outro até ao meio do salão, onde trocaram as princezas.

Este acto foi annunciado e solemnisado no mesmo instante por tres descargas de fusilaria, dadas pelas tropas portuguezas e hespanholas, e logo correspondidas pelas salvas de artilheria das praças de Elvas e de Badajoz.

Em quanto estes sons festivos, acompanhados de musicas e de vivas, espalhavam alegrias, por aquelles arredores, entre os dois povos da peninsula, passava-se triste scena de mágoas e saudades no proprio recinto que as duas nações ornamentaram para festas e regozijos. N'aquelle salão, pois, onde a realeza accumulára esplendores, fazendo vaidosa ostentação das pompas, dos attributos regios e do poder, que distinguem os reis dos mais homens, a natureza vencia e humilhava a magestade, nivelando-a nos affectos e na dor com a mais obscura das creaturas humanas.

Assim que se realisou a troca das princezas, seguiram-se as despedidas. De parte a parte foram affectuosas nos paes das noivas; mas na esposa del-rei D. João v e na princeza sua filha produziram effeitos que sensibilisaram a todos os circunstantes. Já todas as mais pessoas reaes tinham acabado as suas despedidas, e ainda a rainha D. Maria Anna d'Austria e a princeza D. Maria Barbara, beijando-se com a maior effusão de ternura, soluçando e banhando-se reciprocamente de lagrimas, apertavam-se em tão estreito e saudoso abraço, como se n'elle dessem o derradeiro adeus da vida. Surdas a todos os rogos e esquecidas de todas as prescripções da etiqueta, foi mister, para que tivesse fim esta scena dolorosissima, que el-rei D. João v, mettendo-se de permeio, as separasse, levando pelo braço, quasi á força, a esposa, em quanto a sua filha era conduzida, póde dizer-se, furtivamente pela rainha de Hespanha, sua sogra, e com tanto arrebatamento, que a não deixou despedir-se del-rei, seu pae, nem das outras pessoas de sua familia.

Assim se abbreviou a solemnidade d'este dia, entrando logo nos coches as duas familias reaes, e dirigindo-se para Elvas e Badajoz com o mesmo acompanhamento com que tinham vindo.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Os nomes, ou elogios, que os chimicos dão á pedra chrisopeya, ou philosophal (que é o mais abstruso mysterio de sua arte, em cujo alcance suam todos elles ha muitos seculos), verdadeiramente são magnificos e excitadores de grandes esperanças. Chamam-lhe ceo, mysterio, chrisosperma, ou semente de oiro, terra bemdita, agua de vida, agua sêcca, arvore da vida, sello de Salomão, fogo da natureza, leite de virgem, mercurio dos philosophos, dragão aguia, medicamento de todas as enfermidades, copo de pandora, terra da promissão, sagrada obra da terra, e outros similhantes.

Muitos não temem entrar em logares altos, sem os talentos precisos para o seu manejo. É que fazem conta, não de egualar com as suas diligencias as obrigações do officio, senão de fazer á boamente o que souberem e o que quizerem; e onde não alcançarem com o prestimo, não tomar por isso molestia. D'este modo bem póde um muchacho, ou qualquer moço de servir, tanger o orgão, levantando-lhe sómente os folles, e sôe como soar.

Da mandragora se diz ser dotada de tão poderosa virtude para causar somno, que ainda só dependurada no aposento faz dormir aos que tem cuidados. Que será que algumas pessoas, que deviam desvelar-se nas obrigações de seus officios, assim descançam e dormem, como se lhes não tocassem? É, sem dúvida, que a sua negligencia e pouco temor de Deus lhes serve de mandragora.

Quando vemos alguns ministros de logares, que tem grandes occupações, desoccupados e entretenidos, e buscando em que passar as horas, muita fé é necessaria para crer que cumprem sua obrigação. É verdade que até Deus, não cançando com o trabalho, descançou um dia; mas tambem é verdade que, não necessitando de obrar com successão, se occupou seis dias: se a nossa semana tem um só dia de fazer e seis sabbados para descançar, isso é andar ao avesso de Deus.

P. MANUEL BERNARDES.